



Com o apoio do
programa Erasmus+
da União Europeia



Versão a ser usada entre setembro de 2018 – junho de 2019

Pesquisa Inclusiva: Um guia para professores

A Pesquisa Inclusiva é um modelo para o desenvolvimento da aprendizagem e do ensino que pode ser usado nas escolas para aprofundar as práticas educativas existentes. Procura encontrar maneiras de incluir todos os alunos nas aulas, em particular aqueles muitas vezes considerados como sendo “difíceis de alcançar” (*‘hard to reach’*). Podem ser alunos migrantes, refugiados, ciganos, com deficiências, ou qualquer criança ou jovem que não pertence a nenhum grupo em particular. A investigação desenvolvida em toda a Europa mostra-nos que muitos alunos, apesar de estarem presentes na escola, muitas vezes não estão envolvidos na aprendizagem.

Este guia pretende ajudar a implementar a Pesquisa Inclusiva e a tornar as aulas mais inclusivas. O modelo envolve um processo de investigação ação que engloba três fases: **Planificar, Ensinar e Avaliar**. Estas três etapas implicam um diálogo entre os alunos e os professores.

Cada uma das três fases envolve uma série de passos, essenciais para a utilização com sucesso da *Pesquisa Inclusiva*. Os professores devem seguir um ‘quadro de ação’ (apresentado no Apêndice A) para determinar até que ponto estão a implementar o modelo. Seguem-se exemplos desenvolvidos em escolas dos cinco países, que ilustram diferentes formas de abordar este modelo.

Fase 1: Planificar

Etapas:

1.1 Juntem-se com outros dois professores para realizar o processo de investigação ação – Os três professores do grupo – trio de professores, devem concordar em trabalhar juntos no desenvolvimento das suas práticas, incluindo o planeamento conjunto de uma ‘aula de pesquisa’ (*research lesson*) e a observação mútua da aula de cada professor.

1.2 Cheguem a acordo sobre qual será a vossa ‘aula de pesquisa’ - Ao formar o trio, pode ser útil se os três professores puderem ensinar o mesmo plano de aula. Se tal não for possível, o trio pode optar por utilizar uma estratégia de ensino específica em cada uma das três aulas (por exemplo, trabalho em grupo cooperativo; dramatização) ou um tema que possa ser ensinado em diferentes anos de escolaridade.

Exemplo 1: Na escola de Inglaterra, o trio era constituído por professores de três turmas de anos de escolaridade diferentes. Escolheram trabalhar o mesmo tema, no âmbito da segurança na Internet, e desenvolveram um plano de aula que foi ensinado nas três turmas, apesar das crianças terem idades diferentes.

Exemplo 2: Na escola da Áustria o trio era igualmente constituído por professores de três anos de escolaridade diferentes (1º ano, 3º ano e uma turma mista), e lecionaram um tópico de língua. Como os alunos das três turmas tinham idades diferentes, o conteúdo da aula foi ligeiramente adaptado às necessidades dos alunos de cada turma. De acordo com o método de ensino utilizado por estes professores, no 3º ano e na turma mista foram apresentadas palavras novas, e novas letras na turma do 1º ano.

Porém, a estrutura básica das aulas de pesquisa permaneceu a mesma. Os principais desafios que os professores deste trio tiveram na planificação foram as diferentes idades e níveis de aprendizagem e os diferentes programas curriculares dos alunos das três turmas:

“Bem, no princípio foi complicado encontrar algo adequado aos diferentes anos de escolaridade.”

Os professores conseguiram ultrapassar este desafio:

“Tivemos de encontrar uma base comum. Bem, acho que nos saímos bem. Depois de discutirmos um pouco, chegámos a uma proposta com a qual todos concordámos: - Ok, vamos fazer assim.”

1.3 Envolvam um grupo de alunos investigadores na recolha de evidências para apoiar a planificação da aula de pesquisa - Três alunos de cada uma das três turmas devem ser envolvidos no processo de investigação ação. Os professores do trio devem escolher os alunos que considerem representativos da diversidade existente nas suas turmas, incluindo alguns daqueles que são por vezes considerados como "difíceis de alcançar". Os professores devem proporcionar formação sobre como os alunos podem recolher evidências dos seus colegas, incluindo a utilização de atividades relacionadas com 'as vozes dos alunos'. Há dois documentos onde se podem encontrar diferentes maneiras de desenvolver esta formação, bem como atividades relacionadas com 'as vozes dos alunos'. Estes documentos são: o "Guia de formação de alunos investigadores" e o "Manual "As vozes dos alunos". Os alunos investigadores também devem ser ajudados a analisar as informações que recolherem.

Exemplo 1: Depois da formação, o grupo de alunos investigadores da escola de Espanha decidiu entrevistar colegas das turmas que iriam observar. As entrevistas decorreram antes de cada aula de pesquisa, de modo a conhecerem a opinião dos seus colegas sobre questões relacionadas com a aprendizagem e o ensino durante as aulas. Eles formularam o seguinte conjunto de questões, que usaram em entrevistas individuais a alguns dos seus colegas:

Tabela 1: Questões a perguntar aos nossos colegas

1. Diz três coisas que te lembras quando pensas na tua turma...
2. O que é que gostas mais na tua turma?
3. O que é que não gostas na tua turma?
4. Há alguma coisa que gostasses de mudar no modo de ensinar do teu professor?
5. Há alguma coisa que gostasses de mudar no modo como os colegas de turma se relacionam entre si?
6. Sentes-te aborrecido nas aulas? Porquê?
7. Compreendes o que é explicado nas aulas?
8. Que coisas é que achas que te ajudariam a compreender melhor as explicações do professor?
9. Costumas pedir ajuda quando tens dificuldades? A quem?
10. Se fosses professor na tua turma, o que farias para ajudar os teus alunos a aprender?
11. Que materiais é que achas que te podiam ajudar a compreender os conceitos que são ensinados?

Depois de realizarem estas entrevistas individuais, os alunos investigadores identificaram os principais aspetos evidenciados nas entrevistas e partilharam-nos com os professores. Por exemplo, algumas crianças disseram que se sentiam aborrecidas durante as aulas de Inglês e que gostariam de aprender coisas novas, porque já sabiam o que era abordado. Alguns alunos também disseram que queriam mais silêncio nas aulas, porque havia muito barulho. E outros referiram que gostavam que houvesse mais representações gráficas (como “mapas conceptuais”) de alguns conteúdos. O aspeto que dividiu mais a opinião dos alunos entrevistados foi a utilização dos manuais nas aulas: uns estavam aborrecidos com a sua utilização, enquanto outros disseram que os manuais eram o material que mais os ajudava a aprender.

Exemplo 2: Na escola de Portugal, as professoras decidiram usar uma abordagem diferente. Antes de iniciarem a formação dos alunos investigadores, cada professora perguntou a todas as crianças da turma o que as ajudava a aprender, se tinham alguma dificuldade na aprendizagem ou se, na sua rotina diária, se sentiam motivadas nas aulas. Como uma professora explicou:

“Fizemos esta atividade depois de a trabalharmos em diversas disciplinas: Português, Matemática, Educação Física, etc. Depois, começámos a pôr um ou outro aluno a observar a sua própria turma, a verificar se todos os alunos estavam realmente envolvidos na aprendizagem. Todas as crianças da turma tiveram este papel. Primeiro foi apenas observação, sem anotações. No final, cada professora conversou com toda a turma sobre o que tinham observado. Tudo isto foi feito antes da seleção dos alunos investigadores. Todos os alunos da turma estiveram envolvidos nas atividades.”

Exemplo 3: Na escola de Inglaterra, durante uma sessão de meia hora com toda a turma, os três alunos investigadores de cada ano de escolaridade recolheram as opiniões de todos os seus colegas. Por exemplo, no 5^o ano, um dos alunos investigadores apresentou o projeto à turma: *“Trata-se de encontrar maneiras positivas de aprender, que todos gostem. Nós temos algumas ideias, que gostávamos de partilhar convosco; e também queremos conhecer as vossas sugestões.”* Outro aluno investigador referiu ainda: *“Precisamos do maior número possível de ideias de todos vós, de modo a que cada um tenha a sua própria opinião sobre como gostaria*

de aprender. Nós propomos o seguinte: trabalho em grupo, trabalho a pares, trabalho individual e silêncio". Estas ideias foram apresentadas em pequenos *post-its*, cada uma escrita num balão de discurso, e foram afixadas em vários lugares nas paredes da sala.

Durante o debate, os alunos investigadores circularam pela sala, para ouvir as opiniões dos seus colegas. Toda a turma discutiu as ideias propostas, que incluíram *"Poder fazer as suas próprias escolhas"*, *"Trabalhar no exterior"*, *"Ter autorização para ter intervalos extra"*, *"Ser permitido ter lanches em cada mesa"*, *"Poder sentar-se com qualquer colega da sua preferência"*.

A professora então escreveu estas ideias em novos *post-its*, que foram igualmente afixados nas paredes da sala de aula, de modo a que todos pudessem votar nas suas preferências. Quando as crianças acabaram de escolher as suas opções preferidas, um aluno investigador apresentou a síntese do que iriam planificar com a professora: *"Nós vamos pegar nas três propostas mais votadas e planificar uma aula com a professora B. E outros professores também vão planificar uma aula com as três propostas mais votadas nas suas turmas"*.

1.4 Desenvolvam um plano de aula que assegure o envolvimento de todos os alunos da turma em todas as atividades – A intenção é desenvolver estratégias e materiais que ajudem todos os alunos a participar e a atingir os objetivos da aula. Por isso, é importante discutir as diferenças que existem entre os alunos.

1.5 Assegure que os três professores e os alunos investigadores contribuem para o desenvolvimento do plano de aula – As ideias de todos os participantes, em conjunto, devem ajudar a tomar medidas para incentivar a participação e a aprendizagem de todos os alunos. Os alunos investigadores devem informar sobre as opiniões dos seus colegas de turma, para que possam ser tomadas em consideração na elaboração do plano da aula. As decisões finais relativamente à conceção da aula mantêm-se da responsabilidade profissional dos professores.

Exemplo 1: Tendo em consideração a diversidade dos alunos, os professores da escola da Dinamarca conceberam um plano de aula que pudesse criar um ambiente de sala de aula positivo e proporcionar às crianças um forte sentido de pertença. Apresentaram o seu plano aos alunos investigadores. E um deles deu a sua opinião:

"Nós gostaríamos de decidir como é que a sala de aula devia estar organizada – como é que devíamos estar sentados. O problema é que habitualmente é difícil ver o que está a acontecer no quadro. E assim é difícil aprender. No meu caso, por exemplo, está um colega alto sentado à minha frente - e eu não consigo ver nada."

Exemplo 2: Na escola de Portugal, o foco da aula de pesquisa estava no raciocínio das crianças enquanto resolviam problemas matemáticos. Foi decidido que esta atividade investigativa iria implicar trabalho de grupo. A ideia de trabalhar a pares surgiu não só dos alunos investigadores, mas das opiniões recolhidas nas entrevistas que fizeram nas turmas. Como uma das professoras referiu:

“Quando pensámos na aula, a ideia foi trabalhar em trios. Então os alunos investigadores disseram que preferiam trabalhar a pares. Foi o que fizemos na comunicação matemática.”

Outra professora disse:

“Os alunos escolheram os pares, ajudaram a planificar a primeira aula e incorporámos o trabalho a pares. No início não fizeram mais nenhuma sugestão.”

Exemplo 3: Depois de recolherem as opiniões das três turmas, os alunos investigadores e os três professores da escola de Inglaterra juntaram-se durante meia hora numa sala de reuniões, para planificarem conjuntamente uma aula. Uma sugestão comum às três turmas foi poderem escolher os seus parceiros (aqueles que gostariam que se sentassem ao seu lado). Uma professora sugeriu: *“Como nós já temos as mesas em pares, os alunos escolhem onde se sentam e automaticamente escolhem os seus parceiros”*.

Os alunos sugeriram ter música durante a aula. Quando um professor perguntou se queriam ligar a música durante toda a aula, um aluno respondeu: *“Podemos baixar um pouco o volume da música para que todos possamos ouvir a pessoa que está a falar. Assim ainda podemos ouvir a música.”* Outro professor teve uma ideia: *“Então, talvez..., se concordarem, quando os professores estiverem a introduzir a primeira parte da aula, enquanto estamos a explicar, talvez pudéssemos ter a música com o volume baixo, para os alunos se concentrarem realmente no que precisam ouvir. E então, quando iniciarmos as atividades, podemos aumentar um pouco o volume da música, para ajudar a concentração nas tarefas. Acham que assim podemos funcionar bem?”*. Todas as crianças concordaram com esta ideia do professor.

Foi colocada outra questão sobre se se devia pôr música enquanto os alunos estivessem a trabalhar com os seus parceiros. Um aluno investigador disse: *“Talvez apenas baixinha, para se poderem ouvir”*. Os professores concordaram com a ideia. Depois de haver consenso sobre como é que a música seria usada durante as aulas, os alunos investigadores e os professores centraram a sua discussão no que e como iriam ensinar.

Fase 2: Ensinar

Etapas:

2.1 Implemente o plano da aula com a sua turma – Ao implementar o plano da aula, certifique-se que todos os elementos da turma participam e aprendem. Onde e quando achar necessário, introduza alterações no plano à medida que a aula decorre. Antes da aula, deve informar aos alunos que esta foi elaborada tendo em conta as suas opiniões e que haverá observadores na sala de aula.

Exemplo 1: Na Dinamarca, a primeira aula consistiu nas seguintes atividades:

1. Acolhimento e diálogo acerca do plano da aula.
2. Visionamento de um vídeo sobre diferentes meios de transporte, cujos nomes as crianças tinham de dizer em inglês, em voz alta.

3. Realização de um *jogo de combinações* ("mix and match") no qual os alunos estão no chão, segurando cartas. Cada aluno deve dirigir-se a um colega e dizer, em voz alta, a palavra inglesa correspondente aos diferentes meios de transporte. Quando receberem a indicação, devem encontrar o colega que tenha a mesma carta.
4. Realização, a pares, de uma ficha de trabalho, leitura em voz alta e audição do outro colega a ler. Depois, pedir que comentem o processo de colaboração entre eles.
5. Dramatização. Seguir o caminho para a casa dos avós usando diferentes meios de transporte, e pronunciar o seu nome enquanto se desloca.
6. Planificação semanal. Esta é uma forma frequente das crianças planearem as suas atividades de aprendizagem. Os professores planificam as diferentes tarefas e as crianças podem escolher quais as que vão realizar, com quem e quando.

Exemplo 2: Em Espanha, numa aula de Estudo do Meio, os estudantes foram organizados em quatro grupos de cinco alunos. A cada grupo foi atribuído um tópico: 'materiais condutores e não condutores', 'eletricidade estática', 'origem dos materiais' e 'mudanças de estado da matéria'. A estrutura da aula foi a seguinte: a professora começou por recordar o que tinha sido feito nas aulas anteriores (cada equipa tinha procurado informação acerca do tópico que lhe tinha sido atribuído e preparado uma experiência com o objetivo de explicá-lo aos seus colegas). Depois, a professora apresentou o objetivo da aula: apresentar as experiências de cada grupo de trabalho. Para tal, cada grupo apresentou uma breve descrição do seu tópico (todos os elementos do grupo fizeram o seu comentário) e, de seguida, os alunos deslocaram-se pela sala para realizarem as experiências preparadas pelos colegas. Junto a cada experiência havia sempre um aluno da equipa respetiva, para a explicar aos colegas que visitaram todas as atividades, seguindo um percurso pré-determinado. Depois de observarem a experiência de cada grupo, os estudantes tiveram de completar uma folha de exercícios que tinha sido preparada pela professora, a fim de verificar se tinham compreendido a atividade e obtido o conhecimento adequado, incluído no programa curricular da disciplina.

2.2 Envolve os seus dois colegas do trio e os alunos investigadores na observação das respostas dos alunos da turma – Enquanto o professor titular leciona a aula, os outros dois professores e os alunos investigadores devem observar o que vai ocorrendo, focando a sua atenção nas seguintes questões:

- Como é que os alunos são encorajados a participar e a aprender nesta aula?
- Que fatores é que parecem impedir alguns alunos de participar e de aprender nesta aula?
- Como é que os alunos contribuem para a participação e para a aprendizagem dos seus colegas?

Os professores observadores devem fazer anotações escritas de qualquer aspeto que considerem significativo relativamente a estas questões (usar a Grelha de Observação, no Apêndice B). Os alunos investigadores podem usar a mesma grelha de observação ou outras formas de registo que acharem mais adequadas, contidas, com mais detalhe, no "Guia para a Formação dos Alunos Investigadores". Os alunos investigadores NÃO devem observar a sua própria turma.

Exemplo: Na escola portuguesa, os alunos investigadores foram fazendo breves registos enquanto iam observando:

“Os alunos nem sempre levantam o braço quando querem falar”;

“Quando os alunos não sabem a matéria, inventam”;

“A professora ajuda quando os alunos precisam”;

“Quando trabalham a pares, eles nem sempre concordam. Mas não faz mal”;

“Às vezes eles falam muito alto, mas estão concentrados no que estão a fazer”.

Nesta fase é importante lembrar os alunos investigadores que o foco da observação deve ser no que pode ajudar, ou dificultar, a participação dos alunos.

2.3 Recolha as opiniões de todos os alunos acerca da aula - Depois da aula, os alunos investigadores que observaram a aula devem ser solicitados a recolher as opiniões dos alunos que participaram na aula. É preciso ajudá-los a concretizar esta tarefa.

Exemplo 1: Na escola inglesa, os alunos investigadores prepararam uma grelha com perguntas-chave que entregaram a todas os alunos da turma a fim de obter os seus pontos de vista sobre a aula. As perguntas foram especificamente sobre as atividades da aula, tais como: *Em que medida é que a atividade realizada ajudou a tua aprendizagem?* (numa escala de 1 a 10), *Em que medida é que a escolha sobre com quem trabalhar ajudou a tua aprendizagem?* (numa escala de 1 a 10) e *Outros comentários acerca da aula.*

Exemplo 2: Na escola austríaca, os professores seguiram uma abordagem ligeiramente diferente. No final de cada aula, os professores resumiram o conteúdo abordado e perguntaram a opinião dos alunos sobre a aula. Fizeram-no questionando toda a turma sobre a organização do trabalho e se gostaram do que fizeram. Numa das turmas, os alunos costumam fazer diariamente comentários sobre sua própria aprendizagem (por exemplo, se fizeram bem na aula, ou não) explicando por que devem, ou não, receber um *smile* (um sistema de recompensa afixado ao lado do quadro). Como os alunos estão acostumados a essa rotina, este método de *feedback* foi mantido também durante a aula de pesquisa.

2.4 Considerem até que ponto todos os alunos da turma estão envolvidos na aula - Com base nos registos de observação e nas opiniões dos alunos, deve-se avaliar em que medida todos os alunos participaram e atingiram os objetivos da aula.

Exemplo 1: Na escola da Dinamarca, o trio de professores planificou conjuntamente uma aula sobre os vários meios de transporte. Com base nos registos de observação, os alunos investigadores referiram que o tempo despendido com a ficha de trabalho, onde as crianças foram solicitadas a trabalhar em pares e a dizer em voz alta os nomes dos diferentes meios de transporte, foi a parte da aula em que a maioria das crianças teve menos oportunidades de participar, o que levou os professores a refletir sobre as ações necessárias para abordar essa questão.

Exemplo 2: Na escola espanhola, os alunos investigadores verificaram que as crianças que estavam sentadas nas últimas filas não estavam tão atentas como as

que estavam à frente. Mais uma vez, esse facto levou os professores a rever sua abordagem.

2.5 Depois da aula, reúna-se com os dois colegas do trio e com os alunos investigadores que observaram a aula, para rever o que aconteceu - O objetivo é considerar ideias que possam ajudar a melhorar o plano de aula, antes de o usar novamente.

Exemplo: Na Áustria, a aula de pesquisa, de língua materna e com a duração de 90 minutos, consistiu em três partes:

- I. Introdução de novas palavras/letras (atividade principalmente centrada no professor, que tentou envolver os alunos através do diálogo com a turma)
- II. Realização de diferentes estações de trabalho sobre os novos conteúdos (com liberdade de escolha por parte dos alunos da estação de trabalho que queriam explorar)
- III. Resumo dos novos conteúdos (orientado pelo professor, através da recolha das opiniões dos alunos)

No final da primeira aula houve debate entre os professores e os alunos investigadores que observaram a aula. Todos concordaram que a primeira parte da aula durou muito tempo e que os alunos ficaram impacientes, já que a introdução das novas palavras demorou demasiado tempo.

Durante as entrevistas de grupo, os alunos investigadores sentiram que a introdução foi muito longa e não muito interessante:

“Sim, [esta parte] foi muito longa”

“Alguns alunos só entenderam [o que tinham que fazer] um pouco depois”

Durante a reflexão após a aula, um professor comentou:

“Penso que a introdução foi demasiado longa porque as crianças estavam muito inquietas. Percebi que elas já não estavam a ouvir”.

2.6 Melhore o plano da aula antes de ser usado pelo próximo elemento do seu trio - Ao reunir com os seus colegas e com os alunos investigadores, analisem os aspetos mais relevantes da aula e introduzam as alterações que ajudem a tornar o plano de aula mais inclusivo.

Exemplo: Na Áustria, introduziram três alterações da primeira para a segunda aula.

- i. Redução da introdução feita pelo professor no início da aula (de 35 para 15 minutos).
- ii. A quantidade de palavras introduzidas nesta parte da aula também foi reduzida.
- iii. A introdução das estações de trabalho demorou 7 minutos. Foi notório o impacto positivo dessa mudança nas duas aulas seguintes (os alunos ficaram menos impacientes).
- iv. Após observarem o impacto da cooperação entre os alunos na primeira aula, foi decidido que esta devia ser acentuada.

Na segunda aula, o professor reforçou a ideia que os alunos deveriam trabalhar juntos e ajudar-se uns aos outros. Os alunos formaram pares ou grupos de três e apoiaram-

se mutuamente. E durante a aula foi dado mais tempo às crianças para falarem sobre as atividades.

Na última parte da aula, a alteração consistiu em perguntar as opiniões dos alunos sobre as diversas tarefas desenvolvidas: "*Que estações de trabalho gostaram/não gostaram?*". "*Que estações de trabalho devem ser introduzidas na próxima vez?*". Esta parte durou 5 minutos.

Após a segunda aula de pesquisa foram introduzidas mudanças adicionais:

- i. Foi adicionada uma estação de trabalho (saltar à corda), na qual os alunos tinham que dizer as sílabas de uma palavra enquanto saltavam à corda (um salto por cada sílaba). Tiveram de o fazer relativamente a todas as palavras aprendidas durante a aula. Esta atividade foi criada com base no *feedback* dos alunos que referiram que gostariam de ter mais estações de trabalho que pudessem percorrer.
- ii. Os alunos puderam escolher livremente onde se sentar. Os professores discutiram este assunto previamente e não tinham a certeza se resultaria ou se causaria uma situação um tanto caótica na sala de aula. No entanto, os alunos lidaram muito bem com esta liberdade e de imediato aceitaram a mudança.

Fase 3: Avaliar

Etapas:

3.1 Depois dos três professores implementarem os planos de aula, discutam o seu impacto na participação de todos os alunos das três turmas – Esta fase deve envolver debates com os alunos investigadores a fim de garantir que as suas opiniões são levadas em consideração. É importante registar os diferentes pontos de vista existentes, pois podem estimular novas possibilidades de tornar as aulas mais inclusivas.

Exemplo: Na escola de Espanha, os alunos investigadores e os professores identificaram as mudanças a introduzir no plano da aula de pesquisa e como estas se relacionavam com as propostas dos alunos da turma: metodologia ativa, trabalho em grupos, com oportunidades para todos os alunos participarem. Notou-se também que uma estrutura clara da aula - incluindo uma introdução, tempo para o desenvolvimento de atividades e tempo para conclusão, reflexão e algum tipo de avaliação - contribuiu para a oportunidade de todas as crianças participarem. Para além disso, sentiu-se que a reflexão coletiva no final da aula ajudou o próximo professor a identificar questões a melhorar na próxima aula de pesquisa como, por exemplo, facultar aos alunos um roteiro de tarefas a realizar, a fim de garantir a participação de todos na atividade, ao invés de deixar os alunos completamente livres a desenvolver as tarefas que tinham de realizar.

Os alunos referiram o quanto gostaram de ser investigadores e o que tinham aprendido, e referiram que seria bom se todos os alunos pudessem ter a oportunidade de participar como investigadores. Uma das professoras agradeceu-lhes a oportunidade de (re)pensar sobre seu ensino e como melhorá-lo:

"Obrigada pelos vossos comentários; ajudaram-me muito porque são as vozes das crianças (alunos da mesma faixa etária). Como professora, olho para vós de uma certa perspetiva, de um certo ponto de vista... Ouvir as vossas opiniões é tão útil, ou mais, do que as opiniões de um adulto... Como professora, reconheço que é muito importante escutar-vos, colocar-me no vosso lugar..."

3.2 Tirem conclusões acerca do que aprenderam sobre como fazer aulas inclusivas - O objetivo desta discussão final é reunir os pontos de vista dos/das três professores/as e dos alunos investigadores para decidir os resultados da investigação ação. Será bom elaborarem um breve resumo escrito acerca das conclusões a que chegarem. Estas devem ser partilhadas com todos os alunos das turmas envolvidas.

Exemplo 1: As principais ideias que os professores da escola inglesa identificaram, em colaboração com os alunos investigadores foram:

- Proporcionar aos alunos mais opções de escolha de atividades;
- Permitir que os alunos façam as suas escolhas sobre com quem trabalhar; e
- Usar uma abordagem 'mãos no ar não', em que as crianças são solicitadas a não levantar as mãos quando o professor coloca uma questão. Em vez disso, o professor escolhe quem vai responder à pergunta. Este modo permite maior participação dos alunos.

Exemplo 2: Na escola austríaca, as principais ideias que surgiram sobre como tornar as aulas mais inclusivas foram:

- Encorajar os alunos a trabalhar em pares ou a cooperar de alguma outra forma.
- É importante manter algum tipo de rotina na aula. Durante as aulas foi crucial a mistura de tarefas já conhecidas e de novas tarefas.
- Poder escolher entre várias tarefas.

APÊNDICE A

Quadro de ação: Rever a implementação do processo

Os níveis de desenvolvimento do quadro de ação ajudam os trios de professores a determinar até que ponto já implementaram esta abordagem. Desta forma, os elementos de um trio podem identificar áreas que precisem de mais atenção.

O modelo utilizado neste projeto, *Pesquisa Inclusiva*, requer uma série de ações interligadas que são descritas na lista de indicadores abaixo referida. Através da discussão, os trios de professores devem ocasionalmente avaliar o nível de implementação de cada indicador, usando os seguintes critérios:

- a. O processo foi iniciado;
- b. O processo foi parcialmente implementado;
- c. O processo foi concretizado.

O objetivo é evoluir no sentido da plena concretização dos indicadores.

Usar os indicadores

Cada elemento do trio deve assinalar com um círculo a resposta relativa a cada indicador que corresponde às ações já desenvolvidas na implementação da Pesquisa Inclusiva. Cada professor/a pode então comparar os seus pontos de vista com os dos seus dois colegas do trio, a fim de determinar as áreas que precisam ser fortalecidas.

Fase 1: Planificar

- 1.1 Foi formado um trio de professores para a investigação ação
- 1.2 O trio concordou sobre que será a sua aula de pesquisa
- 1.3 O trio envolveu um grupo de alunos investigadores na recolha de evidências para ajudar a planificar a aula de pesquisa
- 1.4 Foi elaborado um plano de aula que procura garantir que todos os elementos da turma participam em todas as atividades
- 1.5 Os três professores e os alunos investigadores contribuíram para a elaboração do plano de aula

Fase 2: Ensinar

- 2.1 Cada professor implementou o plano de aula com a sua turma
- 2.2 Em cada aula de pesquisa, os dois colegas professores e os alunos investigadores observaram as respostas dos alunos
- 2.3 Foram recolhidas as opiniões de todos os alunos sobre a aula
- 2.4 Foram tomadas decisões em relação ao envolvimento de todos os elementos da turma
- 2.5 Após cada aula, professores e alunos investigadores reuniram-se para rever o que aconteceu
- 2.6 O trio reformulou o plano de aula antes de ser usado pelo próximo elemento do trio

Fase 3: Avaliar

- 3.1 Depois dos três professores implementarem o plano de aula, o trio e os alunos investigadores discutiram como é que este ajudou a envolver todos os elementos das turmas;
- 3.2 O trio e os alunos investigadores tiraram conclusões sobre o que aprenderam acerca do modo de tornar as aulas mais inclusivas

Nota: Os elementos da universidade parceira juntar-se-ão ao trio ao longo de todo o processo de desenvolvimento deste quadro de ação, ajudando a monitorizar o progresso e a determinar outras ações que possam ser necessárias.

APÊNDICE B:

GRELHA DE OBSERVAÇÕES:

Como é que os alunos são encorajados a participar e a aprender nesta aula?

Que fatores é que parecem impedir alguns alunos de participar e de aprender nesta aula?

Como é que os alunos contribuem para a participação e para a aprendizagem dos seus colegas?